

LITTERATURA

LETRA VENCIDA

I

Eduardo B., embarca amanhã para a Europa. amanhã quer dizer 24 de abril de 1861, pois estamos 23, á noite, uma triste noite para elle e para a atriz.

— Beatriz! repetia elle, no jardim, ao pé da janella d'onde a moça se debruçava estendendo-lhe a mão.

De cima, — porque a janella ficava a cinco palmos da cabeça de Eduardo, — de cima respondia a moça com lagrymas, verdadeiras lagrymas de dor. Não foi a primeira grande dor moral que padecia, e não estava apenas dezoito annos, começava cedo. Não se lavam alto; poderiam chamar a attenção da gente da casa. Note-se que Eduardo despedira-se da família de Beatriz naquella mesma noite, e que a mãe e o pae, ao vel-o sair, estavam longe de pensar entre onze horas e meia noite, voltaria o moço ao jardim para fazer uma despedida mais formal. Sem disso, os dous cães da casa impediriam a entrada de algum intruso. Se tal suppuzeram é que advertiram na tendencia corruptora do amor. O moço peitou o jardineiro, e os cães foram recolhidos imediatamente para não interromper o ultimo dia de dous corações afflictos.

Ultimo? Não é ultimo; não póde ser ultimo. Eduardo vae completar os estudos, e tirar carta de bacharel em Heidelberg; a familia vae com elle, dista a ficar algum tempo, um anno, em França; e voltará depois. Tem vinte e um annos, ella dezoito: podem esperar. Não, não é o ultimo dia. Basta ouvir os protestos que elles murmuram,ixinho, entre si e Deus, para crer que esses dous corações podem ficar separados pelo mar, mas que o amor os uniu moralmente e eternamente. Eduardo quer que a levará consigo, que não pensará em outra cousa, que a amará sempre, sempre, sempre, longe ou de perto, mais do que aos proprios paes.

— Adeus, Beatriz!

— Não, não vá já!

Timba batido uma hora em alguns relógios da sinhança, e esse golpe secco, soturno, pingando de pendula em pendula, advertiu ao moço de que era tempo de sahir; podiam ser descobertos. Mas ficou; pediu-lhe que não fosse logo, e elle deixou-se sentar, cosido á parede, com os pés n'um canteiro de urta e os olhos no peitoril janella. Foi então que elle lhe desceu uma carta; era a resposta de outra, em que elle lhe dava certas indicações necessarias á correspondencia secreta, que iam continuar atravez do oceano. Elle insistiu verbalmente em algumas recommendações; ella pediu certos esclarecimentos. O dialogo interrompia-se; os intervallos de silencio eram suspirados e longos. Emfim bateram as horas: era o rouxinol? era a cotovia? Romeo reparou-se para ir embora; Julietta pediu alguns minutos.

— Agora, adeus, Beatriz; é preciso! murmurou elle dalli a meia hora,

— Adeus! Jura que não se esquecerá de mim?

— Juro. E você?

— Juro tambem, por minha mãe, por Deus!

— Olhe, Beatriz! Aconteça o que acontecer, não se casarei com outra; ou com você, ou com a morte. Você é capaz de jurar a mesma cousa?

— A mesma cousa; juro pela salvação de minha alma! Meu marido é você; e Deus que me onte hade ajudar-nos. Crê em Deus, Eduardo; resa a Deus, pede a Deus por nós.

Apertaram as mãos. Mas um aperto de mão era bastante para sellar tão grave escriptura? Eduardo teve a ideia de trepar á parede; mas faltava-lhe o ponto de apoio. Lembrou-se de um dos bancos do jardim, que tinha dous, do lado da frente; foi a elle, trouxe-o, encostou-o á parede e subiu; depois levantou as mãos ao peitoril, e suspendeu o corpo; Beatriz inclinou-se, e o eterno beijo de Verona conjugou os dous infelizes. Era o primeiro. Deram tres horas; desta vez era a cotovia.

— Adeus!

— Adeus!

Eduardo saltou ao chão; pegou do banco, e foi repol-o no lugar proprio. Depois tornou á janella, levantou a mão, Beatriz desceu a sua, e um energico e derradeiro aperto terminou essa despedida, que era tambem uma catastrophe. Eduardo afastou-se da parede, caminhou para a portinha lateral do jardim, que estava apenas cerrada, e saiu. Na rua, a vinte ou trinta passos, ficára de vigia o obsequioso jardineiro, que unira ao favor a discrição, collocando-se a distancia tal, que nenhuma palavra pudesse chegar-lhe aos ouvidos. Eduardo, embora já lhe houvesse pago a complicitade, quiz deixar-lhe ainda uma lembrança da ultima hora, e mettu-lhe na mão uma nota de cinco mil reis.

No dia seguinte verificou-se o embarque. A familia de Eduardo compunha-se dos paes e uma irmã de doze annos. O pae era commerciante e rico; ia passear alguns mezes e fazer completar os estudos do filho em Heidelberg. Esta ideia de Heidelberg parecerá um pouco extranha nos projectos de um homem, como João B., pouco ou nada lido em cousas de geographia scientifica e universitaria; mas sabendo-se que um sobrinho d'elle, em viagem na Europa, desde 1857, entusiasmado com a Alemanha, escrevera de Heidelberg algumas cartas exaltando o ensino daquella Universidade, ter-se-ha comprehendido essa resolução.

Para Eduardo, ou Heidelberg ou Hong-Kong, era a mesma cousa, uma vez que o arrancavam do unico ponto do globo em que elle podia aprender a primeira das sciencias, que era contemplar os olhos de Beatriz. Quando o paquete deu as primeiras rodadas na agua e começou a mover-se para a barra, Eduardo não pode refêr as lagrymas, e foi escondel-as no camarote. Voltou logo acima, para ver ainda a cidade, perdel-a pouco a pouco, por uma illusão da dor, que se contentava de um retalho, tirado á purpura da felicidade moribunda. E a cidade, se tivesse olhos para vel-o, podia tambem despedir-se d'elle com pezar e orgulho, pois era um esbelto rapaz, intelligente e bom. Convem dizer que a tristeza de deixar o Rio de Janeiro tambem lhe doia no coração. Era fluminense, não saíra nunca deste ninho paterno, e a saudade local vinha casar-se á saudade pessoal. Em que proporções, não sei. Ha ahí uma analyse difficil, mormente agora, que não podemos mais distinguir a figura do rapaz. Elle está ainda na amurada; mas o paquete transpoz a barra, e vae perder-se no horizonte.

(Continúa)

MACHADO DE ASSIS.

CIVILIDADE

NA IGREJA

(Continuação)

Terei frequentemente occasião de repetir que, em todas as cousas, uma pessoa que verdadeiramente observa as regras da civilidade, testemunha a quem deve todo o respeito, toda a benevolencia possível.

Os padres moços ou velhos, seja qual fór a seita a que pertençam, tem direito ás maiores considerações; a batina substitue nelles a idade e as dignidades.

Lembre-mos que não é a creatura humana que prestamos os nossos deveres, mas ás funcções augustas que ella está encarregada de desempenhar junto a nós.

Geralmente, não se aperta a mão de um padre; ainda menos a de um bispo ou cardeal; pede-se a benção e beija-se o anel dos ultimos.

Os que não querem conformar-se a estas formalidades, limitam-se a inclinar-se diante delles.

Quando visitamos o templo de uma religião estranha á nossa, e assistimos a uma cerimonia, devemos conformar-nos em tudo aos usos observados pelos que a professam, inclinarmo-nos ou conservar-mornos de pés seguindo o seu rito, etc.

Seria uma falta de educação e polidez, observar as ceremonias com um ar curioso e mofador; quem assim procedesse, expunha-se a ferir nas suas convicções religiosas as pessoas presentes.

Quem julgar que a sua fé se oppõe a essa condescendencia, bem avisado andará em lá não ir.

Bem que eu não pretenda impôr uma inteira tolerancia a todas as consciencias, não é menos certo por isso que todo o culto merece respeito.

Crêr em alguma coisa já é muito; muito peor é não crêr em nada.

Quando uma menina ou uma moça é designada para esmolar, é de rigor um vestuario elegante.

Si um cavalleiro a acompanhar, ella apoiará de leve a mão esquerda na direita do cavalleiro, e apontará a bolsa com a mão direita; agrarecerá graciosamente ás pessoas que dão por uma ligeira inclinação de cabeça, e não insistirá, nem fará nenhum movimento de mau humor diante dos que não estão dispostos a dar.

A senhora encarregada de esmolar deve, antes de principiar, deitar na bolsa a sua offerta, que será mais consideravel que uma offerta ordinaria.

Prevenida de que deve esmolar, a menina ou a moça exercitar-se-ha, alguns dias antes, a trazer a bolsa de modo que não commetta nenhum dezaso, como deixal-a cahir, fechal-a, etc.

O cavalleiro que a acompanhar deve trazer casaca preta e luvas de cor clara.

Uma menina não pode esmolar á porta da igreja sem ter juncto a si uma senhora edosa ou um cavalleiro.

E' de muito mau gosto deixar cahir o dinheiro de muito alto, n'uma bolsa ou n'uma salva, como querendo chamar a attenção de toda a gente para a sua offerta.

Não devemos tão pouco fallar a pessoa encarregada de esmolar; si a conhecemos, limitamo-nos a um signal amistoso.

E' uso não dar o braço na igreja, excepto nos casamentos, dos quaes me occuparei mais detidamente n'um capitulio especial.

M^{tes}. L. S' ALQ.

VARIEDADE

CRYPTOGRAPHIA

A cryptographia é a sciencia que ensina a escrever secretamente. Por meio d'ella pode cada qual lançar os seus pensamentos sobre o papel sem receio de que outrem os possa conhecer, se a isso não auxiliar o escriptor, fornecendo as leis que presidiram a ellaboração do mysterioso escripto.

Póde-se dizer que a cryptographia é tao antiga como a humanidade. Desde que houve um segredo a occultar, desde que dois entes quizeram permutar

ideias, só por elles comprehendidas, foram imaginados signaes de convenção e assim lançados os fundamentos da sciencia cryptographica.

Da mais remota antiguidade, para só fallar em documentos historicos, existem inscripções que nunca puderam ser decifradas e outras que se o foram, é devido a estudos aturadissimos que criaram a archeologia e a anthropologia.

Os meios primitivos de correspondencia foram

naturalmente elementares, mas nem por isso deixaram de ter o seu valor. Um talho n'um tronco de arvore, certas disposições de objectos usuaes, certos signaes, constituíam inscripções mysteriosas que só apresentavam sentido para aquelles que possuíssem a clave da combinação empregada. Os egypcios deixaram numerosas inscripções que são verdadeiros hieroglyphos e muito deram que fazer aos especialistas que se dedicaram aos estudos do tempo.

Os romanos empregaram numerosos meios secretos de correspondencia entre os quaes não é menos curioso o seguinte, que além da segurança no escripto em si, tinham a vantagem de difficilmente poder-se extraviar. Raspavam a cabeça a um escravo, escreviam em caracteres convencionaes, sobre a epiderme craneana e, depois de deixar crescer o cabello, enviavam o portador ao seu destino, onde tornavam a raspar-lhe a cabeça para ler a missiva. Este systema



A RAINHA MARGARIDA DE ITALIA

que hoje parecerá um tanto moroso não deixa de conter engenho e segurança.

Mais tarde foram-se aperfeiçoando os processos, principalmente nos tempos dos pequenos feudos, quando a intriga era o nervo da politica. A diplomacia veio assim a fazer grande uso da cryptographia, até ainda ha bem poucos tempos.

Muitos escriptores empregaram-a em seus escriptos, nem sempre divulgando a clave que desvendaria o pensamento. Assim la Bruyere nos seus *Caracteres* pintou typos dos quaes apenas alguns puderam ser descobertos.

Como acontece com todos os ramos dos conhecimentos humanos, á medida que uns foram ideando

novas combinações para encobrir o pensamento, outros imaginaram meios de procurar desvendal-os. Assim completou-se a arte cryptographica que tambem consiste na leitura dos escriptos mysteriosos. Assim tambem nasceram as numerosas applicações que todos nós conhecemos. A stenographia, os hieroglyphos, a mnemotechnica, os pseudonymos, os mo-



A FESTA DE MEGARA

SI DE OUTRO DE 1882

A. STALLER

STELLER SC